

«PARECER EM ITALIA ROMANO, EM FRANÇA
PARISIENSE, E ULLYSIPONENSE EM PORTUGAL»:
RAFAEL BLUTEAU, ESTRATÉGIAS
IDENTITÁRIAS E MEDIAÇÃO CULTURAL,
1668-1734

SAÚL MARTÍNEZ BERMEJO

Universidad Carlos III de Madrid

A 12 de Outubro de 1681 Salvador Taborda Portugal expediu um passaporte para que Rafael Bluteau pudesse fazer a viagem de regresso de Paris para Lisboa. Nesse passaporte, Taborda Portugal solicitava que se deixasse passar de forma segura e livre o «Padre Dom Raphael Bluteau, Inglez de nação, da Religiaõ dos Theatinos, o qual vai desta corte para a de Portugal»¹. O documento, que tinha uma finalidade essencialmente prática, permitia que os «governadores de Praças», os seus lugar-tenentes, ministros de justiça e outros «officiaes de guerra» pudessem identificar um indivíduo que não conheciam fisicamente. Para isso, Taborda sublinhou a condição de clérigo de São Caetano, uma indicação relacionada com as expectativas relativas à aparência exterior e ao comportamento do seu portador. Taborda destacou, também, o lugar de nascimento de Bluteau. No entanto, esta identidade de papel, criada pelas autoridades para ser reconhecida por outras autoridades semelhantes, revelava apenas uma parte da complexa identidade de Bluteau. Dependendo da ocasião, Bluteau descreveu-se a si próprio (e foi identificado por outros) como inglês, como português ou como francês. De facto, o clérigo soube descrever as diferenças entre essas múltiplas culturas e delas tirar partido, num contexto agitado em termos identitários e políticos. A sua vida desenvolveu-se entre as cortes de França e de Portugal durante os anos

¹ BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL [BNP], Mss. Caixa 27, n.º 137. Editado por Isabel R. M. Mendes Drumond BRAGA, *Cultura, religião e quotidiano. Portugal (século XVIII)*, Lisboa, Hugin, 2005, p. 65.

da separação das coroas hispânica e portuguesa, da Guerra da Sucessão e da consolidação das academias lisboetas durante o reinado de D. João V. Os seus escritos constituem um bom exemplo da variabilidade dos processos de identificação na transição do século XVII para o XVIII.

Nas duas últimas décadas a noção de identidade foi intensamente debatida pelas ciências sociais e foram feitas várias denúncias sobre a banalização ou a inutilização, em termos analíticos, deste vocábulo. De facto, muitos autores defendem o abandono da ideia de identidade e o estudo, em sua substituição, dos processos de identificação. Valentin Groebner e Richard Jenkins demonstraram que esses processos são sempre «sociais» ou colectivos e que as identificações estão em construção ou em mudança permanente². Bluteau foi ao mesmo tempo um estrangeiro e um destacado participante na construção de uma história, de uma ciência e de uma língua portuguesas, no período que se seguiu à separação entre Portugal e a monarquia espanhola. O caso de Bluteau é interessante porque, a par da sua identidade complexa, é possível encará-lo como uma personagem de transição entre antigos e modernos, entre a inovação cultural e a pré-ilustração.

A primeira e mais influente caracterização, a nível historiográfico, foi a de José Sebastião da Silva Dias, estudioso que defendeu que o «modernismo» de Bluteau era «incompleto», se bem que muito inovador para Portugal³. Para João Paulo Silvestre, Bluteau mostrava um «modernismo inovador, mas não atentatório da tradição»⁴ e, na mesma linha, Carlos Marques de Almeida definiu o clérigo regular como «uma personalidade empenhada na renovação da mentalidade portuguesa, na transição do Barroco para as *Luzes*»⁵.

Neste artigo abordo a questão da identificação na época moderna, analisando o modo como Bluteau se identificou a si mesmo e como foi definido pelos seus contemporâneos. Analiso também a comparação entre os usos culturais de Paris e de Lisboa que Bluteau incluiu no seu *Anteloquio panegírico, crítico, parenético, ao Marquez de Cascaes*, escrito em modo de prólogo e dedicatória do terceiro volume das suas *Primicias evangélicas*. Apesar de se tratar de um texto pouco conhecido, é um dos poucos trabalhos em que Bluteau explica, na primeira pessoa, a sua estratégia de acomodação

² Richard JENKINS, *Social identity*, Londres e Nova Iorque, Routledge, 2004, pp. 8-9 e 15-16; Valentin GROEBNER, *Who are you? Identification, deception, and surveillance in early modern europe*, Nova Iorque, Zone Books, 2007, p. 26.

³ José Sebastião da Silva DIAS, *Portugal e a cultura europeia (séculos XVI a XVIII)*, Porto, Campo das Letras, 2006, p. 159.

⁴ João Paulo SILVESTRE, *Bluteau e as origens da lexicografia moderna*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2008, p. 32.

⁵ Carlos Marques de ALMEIDA, *O elogio do intelectual: a figura do «Sabio Christão» nas prosas portuguesas de D. Rafael Bluteau*, Tese de mestrado, Universidade Nova de Lisboa, 1996, p. 17. Ver também, na mesma linha interpretativa, Cláudia Beatriz HEYNEMANN, «O Tribunal das Letras. Rafael Bluteau e a cultura portuguesa dos séculos XVII e XVIII», *Acervo*, n.º 16, 2 (2003), pp. 191-208.

cultural, baseada, em parte, na recepção da expansão ultramarina europeia. A maneira como Bluteau propunha tornar o estrangeiro invisível tem também interessantes ligações com a teoria da embaixada, adquirindo um sentido muito mais completo no contexto da cultura das aparências da época.

1. Reconstrução biográfica: o jogo da identificação

Rafael Bluteau nasceu em 1638 na cidade de Londres. Foi educado em diferentes colégios jesuítas em França e em Itália, sendo neste país que se tornou clérigo regular da ordem de São Caetano. De acordo com o 4.º marquês de Ericeira, Bluteau chegou pela primeira vez a Lisboa a 26 de Junho de 1668, atraído pela liga de 1666 entre Portugal e a França, pela paz «de este Reyno com Hespanha» e pelo casamento do regente D. Pedro com Maria Francisca de Sabóia⁶. O seu primeiro biógrafo, Thomaz Caetano de Bem, afirma que Bluteau recebeu ordens dos seus superiores para se instalar em Lisboa⁷, relacionando esta ordem com a consolidação do convento dos clérigos teatinos em Lisboa (Nossa Senhora da Divina Providência, situado na antiga Rua do Carvalho, actual Conservatório Nacional de Música). No entanto, o livro de assentos do seu convento, numa entrada de 6 de Julho de 1668, indica que a «señora Princesa de Portugal que governa» – o modo como a regente francesa Maria Francisca de Sabóia passou a ser conhecida, depois do seu casamento com D. Pedro – queria favorecer Bluteau «na causa da sua fogida»⁸. A regente pedia também que se desse autorização para que o clérigo passasse a residir no palácio. O capítulo da ordem acedeu ao pedido, dispensando Bluteau de viver no convento e favorecendo assim o seu estabelecimento nos meios cortesãos.

Depois de se instalar em Lisboa, Bluteau levou a cabo um intenso trabalho de pregação. Começou rapidamente a publicar alguns dos seus sermões, que foram posteriormente recompilados em dois volumes, em 1676 e em 1685 (o primeiro deles seria reeditado em 1701). Foi depois nomeado qualificador do Santo Ofício e manteve vínculos com as casas de Fronteira e da Ericeira. Foi especialmente próximo de Luís de Meneses, 3.º marquês

⁶ Francisco Xavier de MENESES, «Elogio do reverendissimo padre D. Rafael Bluteau, Clerigo Regular e Academico da Academia Real, nella recitado pelo conde da Ericeira em 4 de março de 1734. Núm. XIII» in Manoel Telles da SYLVA (ed.), *Collecçam dos documentos e memorias da Academia Real da Historia Portuguesa*, Lisboa, Joseph Antonio da Sylva, 1734, pp. 1-17, p. 9.

⁷ Thomaz Caetano de BEM, *Memorias historicas cronologicas da sagrada religião dos clerigos regulares em Portugal e suas conquistas na India oriental*, 2 vols, Lisboa, Regia Officina Typografica, 1792, Livro VI: «Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau», p. 286.

⁸ ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO [ANTT], CNSDPL/L06, f. 37r (Assentos e determinações que se fizeram nesta nossa Casa de Nossa Senhora da Divina Providência desta cidade de Lisboa pelos religiosos dela e breve notícia do estado da casa desde o dia da sua fundação).

da Ericeira, e seguiu de perto o projecto de cultivo e de implantação da indústria da seda em Portugal. Escreveu uma *Instrucção sobre a cultura das amoreiras e criação dos bichos de seda* em 1679 e acompanhou o embaixador Duarte Ribeiro de Macedo a Turim, numa visita relacionada com o projecto da indústria da seda⁹. Devido à morte súbita do embaixador, em 1680, foi o próprio Bluteau quem negociou o casamento da princesa D. Isabel com príncipe Victor Amadeu.

Em 1697 Bluteau mudou-se novamente para Paris, possivelmente por razões políticas. Thomaz Caetano de Bem atribui a sua partida a uma série de mal-entendidos relacionados com a tentativa de trazer a sua irmã para um convento em Lisboa. Permaneceu em Paris aproximadamente quatro anos e publicou, em 1698, um terceiro volume de sermões. Regressou a Lisboa em 1701, mas passados poucos meses viu-se obrigado a recolher ao Mosteiro de Alcobaça. Bluteau regressou então ao processo de publicação do seu *Vocabulario portuguez e latino*, um projecto realizado ao longo de vários anos e que só começou a ver a luz em 1712¹⁰.

O *Vocabulario* é sem dúvida a obra que tornou Bluteau famoso e que tem atraído a maior parte dos estudos mais recentes¹¹. Bluteau participou activamente na vida da corte e de diversas academias, como as que se encontravam ligadas aos condes da Ericeira, a Academia Portuguesa (1717) e a Real Academia de História (1720). Nos últimos anos da sua vida reeditou a maior parte das obras que tinha composto, patrocinado pela coroa. D. João V encarregou Francisco Xavier de Meneses de supervisionar e de coordenar dois volumes de suplementos ao *Vocabulario* (1727-1728), e as *Prosas Portuguezas* de Bluteau foram dadas à estampa, em duas partes, por volta de 1729 (ainda que seguramente tivessem sido impressas anteriormente). Os seus sermões foram recompilados de novo e publicados, em dois volumes, em 1732 e em 1733. O primeiro tomo da sua grande obra teológica, *Oraculum utriusque testamenti*, foi também impresso em 1734, ano da sua morte¹².

⁹ Carl A. HANSON, *Economy and society in Baroque Portugal, 1668-1703*, Minneapolis, University of Minnesota Press, 1981, pp. 134-138 e 164-168. F. X. MENESES, op. cit., p. 10.

¹⁰ A censura do primeiro tomo demonstra que, em 1702, Bluteau já tinha solicitado a licença «do Paço», um processo que se prolongou até 1707. Em 1705 contava já com a licença do Santo Ofício. Bluteau insiste, em várias ocasiões, que tinha tentado imprimir o *Vocabulario* em Paris, em 1699, mas que desistira por falta de compositores com conhecimento de português.

¹¹ J. P. SILVESTRE, op. cit.; João Paulo SILVESTRE, *A língua iluminada: antologia do vocabulário de Rafael Bluteau*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal e Babel, 2013. Ver também Ana Isabel Araújo Marques RAFAEL, *O vivente livro: o mito da biblioteca ideal nas Prosas Portuguezas de Rafael Bluteau*, Tese de mestrado Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2008 e Ana Isabel Araújo Marques RAFAEL, *Hum fio de voz, não quebra silêncio. Retórica e pedagogia do silêncio em Rafael Bluteau*, Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2012.

¹² Rafael BLUTEAU, *Oraculum utriusque Testamenti, ad promiscuas in S. Biblia interrogationes, servato litterarum ordine, responsas reddens, et verbi divini præconibus viam aperiens ad conceptus prædicabiles*, Lisboa Occidental, Michaelis Rodrigues, 1734.

Geremia Brugnoli, clérigo da mesma ordem de Bluteau, mandou imprimir, em 1685, uma tradução em italiano do primeiro volume dos *Sermões*. Em 1728 Bluteau compôs uma «prosa económica» para prolongar a reimpressão da sua *Instrução sobre a cultura das amoreiras*, na qual se lamentava do pouco êxito e do desaparecimento da edição anterior. No entanto, este foi o único dos seus trabalhos a ser impresso de novo após a sua morte, em 1796. A ausência generalizada de reedições das obras de Bluteau contrasta com o apoio que recebeu da parte da imprensa régia no tempo de D. João V, e é, sem dúvida, significativa da sua fama póstuma.

Rafael Bluteau é um desses personagens muito citado e relativamente bem conhecido mas sobre o qual existem, na realidade, mais dúvidas e sombras do que certezas, começando pelo motivo da sua chegada a Lisboa e das suas estadias em Paris. A sua biografia está repleta de informações, mas a falta de afirmações na primeira pessoa torna difícil compreender a percepção que o clérigo tinha sobre si mesmo e sobre a sua obra. Thomaz Caetano de Bem reproduziu uma selecção da correspondência recebida por Bluteau, mas este parece não ter deixado nenhuma cópia das cartas que foi enviando. Só se conserva um pequeno conjunto de cartas que Bluteau dirigiu a Fernando Mascarenhas, marquês de Fronteira, redigidas em francês, em português e em latim. Caetano de Bem dá notícias de que os trabalhos originais de Bluteau, e provavelmente também os seus livros, se conservavam no convento da ordem em Lisboa¹³. Esta biblioteca, hoje não identificada, fez seguramente parte da doação de 16 mil livros que os teatinos realizaram, no final do século XVIII, à Real Biblioteca Pública¹⁴.

Nas décadas imediatamente posteriores à separação de Portugal da monarquia hispânica as alianças políticas a nível europeu sofreram modificações bastante significativas, tendo estalado importantes conflitos bélicos que afectaram o próprio Bluteau e as percepções sobre as suas múltiplas identidades. Rafael Bluteau, através de algumas afirmações dispersas na sua correspondência e na sua obra, permite-nos compreender o que significava, naquela altura, ser português. E, quando não era esse o caso, permite-nos também captar as estratégias que um estrangeiro poderia desenvolver para ser considerado como um português. Na dedicatória ao príncipe regente D. Pedro II, na sua *Instrução sobre a cultura das amoreiras*, de 1679, Bluteau definiu-se a si mesmo como «estrangeiro no sangue», mas «Portuguez no amor», e fez também referência ao seu nascimento em Inglaterra, à sua

¹³ T. C. BEM, op. cit., p. 289. As cartas enviadas ao marquês de Fronteira conservam-se no ANTT e foram parcialmente editadas em I. M. D. BRAGA, op. cit., pp. 9-84.

¹⁴ BNP, *Catalogo methodico dos livros que a Comunidade dos Clerigos Regulares da Divina Providência de Lisboa doou à Real Biblioteca Pública da corte no anno de 1796*, cod. 12935-12937. Manuela DOMINGOS, «Acervos iniciais da Real Biblioteca Pública. A doação dos Teatinos», *Revista da Biblioteca Nacional*, série 2, n.º 9.2 (Jul.-Dez. 1994), pp. 75-121.

infância em França e à sua profissão religiosa em Itália¹⁵. No *Antiloquio* de 1698, que vou analisar de forma pormenorizada um pouco mais à frente, Bluteau utilizou o argumento do sentimento, a par do tópico da naturalização, para exprimir, em tom pesaroso, a sua distância e a «saudade» que sentia de Portugal, «aonde tres vezes me tem naturalizado a assistencia de trinta annos»¹⁶. Em 1712 Bluteau defenderia, com ainda mais vigor, o seu carácter português. No prólogo do primeiro tomo do seu *Vocabulario* argumenta, por diversas vezes, que «muitos Portuguezes, que pretendem reprovar-me por extranho, são menos Portuguezes, do que eu»¹⁷, em especial os menores de quarenta anos, o período que Bluteau tinha residido em Portugal. Importa notar que estas breves referências a respeito da sua identidade constituem uma das poucas informações na primeira pessoa transmitidas pelo religioso.

No ambiente que se seguiu ao eclodir da Guerra da Sucessão, a identificação pessoal contrapunha-se à inflexibilidade das identificações impostas desde fora. Assim, Bluteau relatou como, pouco depois da sua chegada a Lisboa, em 1701, «a política das guerras de Europa» colocou Portugal na «liga contra França». Isto levou a que a sua presença em Lisboa fosse por alguns interpretada como suspeita e misteriosa. Os seus rivais e inimigos «fizeraõ-me Estadista», de modo que «creceu com a suspeiçã a calumnia» e «forjou a impostura delitos»¹⁸. Apesar de haver uma certa discrepância nas datas, o mais provável é que Bluteau se estivesse a referir às tensões das relações entre Portugal e a França. Os soberanos de ambos os países tinham assinado um tratado de colaboração a 18 de Junho desse mesmo ano de 1701, mas Pedro II denunciou o seu incumprimento alguns meses depois.

Neste contexto, de nada serviu a Bluteau a sua alegada inocência, como também não lhe serviram as suas tentativas estratégicas para minimizar a sua identidade francesa. «Naõ me valia», explica o religioso, «ser Inglaterra a minha patria, & a lingua Ingleza minha lingua materna». Para várias pessoas era «incompativel coração Portuguez com lingua Franceza». Por isso, teve de se refugiar no mosteiro de Alcobaça, aonde foi «hospede mais de tres annos», tendo passado alguns mais até que pôde regressar novamente à corte¹⁹.

¹⁵ Rafael BLUTEAU, *Instrução sobre a cultura das amoreiras e criação dos bichos de seda, dirigida à conservação e augmento das manufacturas de seda estabelecida pelo mui alto, & poderoso principe Dom Pedro, governador regente dos reinos de Portugal, E cometidas à direcção de D. Luiz de Menezes, conde da Ericeira, & veedor da fazenda real*, Lisboa, Ioam da Costa, 1679, pp. 32-34.

¹⁶ Rafael BLUTEAU, *Primicias evangelicas, ou sermoens, e panegyricos do Padre D. Raphael Bluteau...; Parte terceira*, Paris, Joaõ Anisson, 1698, p. 5.

¹⁷ Rafael BLUTEAU, *Vocabulario Portuguez e Latino*, 8 vols., Coimbra, 1712-1721, vol. 1, sign. §2v.

¹⁸ R. BLUTEAU, *Vocabulario Portuguez e Latino*, cit., vol. 1, sign. §§§§ 5v.

¹⁹ R. BLUTEAU, *Vocabulario Portuguez e Latino*, cit., vol. 1, sign. §§§§ 5v.-6r.

Estes três níveis de identidade com os quais Bluteau joga nas poucas ocasiões em que nos deixou uma definição de si mesmo provêm do que Valentin Groebner denominou um «semiotic system based on concepts of appearance, person, ethnicity, and sex that appear strange and unfamiliar to us»²⁰. A pátria, ou o lugar de nascimento, têm um peso fundamental, analisado pela astrologia, pela climatologia e pela caracterologia, saberes que incidiam nestes dois níveis para tentar compreender o «génio» ou as características mais profundas da personalidade. Relacionadas com esses dois níveis encontram-se as referências ao coração, ao afecto, ao sentimento e ao desejo de servir, que dependem do próprio indivíduo e podem, portanto, modificar os outros dois níveis. Da mesma maneira, a longa permanência em Portugal é considerada como um factor de naturalização.

Um quarto elemento fundamental de identificação era a língua. No *Antiloquio* aos seus sermões, de 1698, e antes de voltar a uma corte hostil em Lisboa, Bluteau tinha já esclarecido que «nenhuma destas linguas e minha lingua natural, porque nasci em Inglaterra, e primeiro soube fallar Inglez, que Francez, Italiano, e Portuguez»²¹. Bluteau enaltecia, desta maneira, as suas próprias competências linguísticas, ao mesmo tempo que mostrava uma certa vontade de minimizar a sua identidade francesa recorrendo às suas origens inglesas. Ainda que a língua esteja associada ao nascimento ou à pátria, no plano da escrita são habituais os fenómenos de diglossia. O sotaque, no entanto, constitui um marcador externo que revela facilmente a condição de estrangeiro e serve como signo de identificação numa cultura das aparências²². O sotaque não se pode camuflar. Segundo Bluteau, Mitridates podia entender vinte línguas, mas, na sua opinião, «que las pronunciasse tan bien como los naturales, lo dudo mucho»²³. Outro episódio significativo, independentemente de ser verdadeiro ou não, aparece no primeiro tomo do suplemento do seu *Vocabulario*. Depois da aclamação de D. João IV, Bluteau refere que os portugueses reconheciam os castelhanos «que encontravão de noite, porque obrigando-os a dizer area, diziaõ arena» e a sua pronúncia identificava-os como forasteiros²⁴.

²⁰ Valentin GROEBNER, «Describing the Person, reading the signs. Identity papers, vested figures, and the limits of identification 1400-1600» in Jane CAPLAN e John TORPEY (eds.), *Documenting individual identity. The development of state practices in the modern world*, Princeton, Princeton University Press, 2001, p. 17.

²¹ R. BLUTEAU, *Primicias evangelicas... Parte terceira*, cit., pp. 35-36.

²² Ulinka RUBLACK, *Dressing up: cultural identity in Renaissance Europe*, Oxford, Oxford University Press, 2010, sobre o traje como elemento de identificação externo e acerca da cultura moderna das aparências.

²³ Rafael BLUTEAU, «Prosopopeia del idioma Portuguez, a su hermana la lengua Castellana», em *Diccionario Castellano y Portuguez para facilitar a los castellanos el uso del Vocabulario Portuguez, y Latino*, Lisboa Occidental, Pascoal da Silva, 1721, p. 5. Ver também p. 7 a propósito da pronúncia do francês e do italiano.

²⁴ Rafael BLUTEAU, *Suplemento ao Vocabulario Portuguez e Latino*, 2 vols., Lisboa Occidental, Joseph Antonio da Sylva, 1727-1728, vol. 1, 1727, «Ao leitor estrangeiro», sign. b iv r.

Estas precisões sobre os modos de identificar as pessoas através da língua são interessantes, pois o *Vocabulario* não é, de forma alguma, uma obra de combate. Bluteau pretendia dignificar o português, rejeitando as noções de corrupção, dependência ou dialecto, mas pediu paciência para «anticastellanos y misoportuguezes» e definiu as línguas castelhana e portuguesa como irmãs próximas e «lenguas de ángeles»²⁵. É significativo – e Bluteau refere-se a isso em numerosas ocasiões – que este trabalho para estabelecer um léxico diferenciado e próprio ficasse nas mãos de um estrangeiro. Até certo ponto, essa condição reforçava a ideia de neutralidade e ressaltava a importância do trabalho realizado. A identificação da singularidade de Portugal por parte de terceiros deve ser relacionada com outras iniciativas semelhantes, como a *Histoire Générale de Portugal* de Jacques le Quien de la Neufville, outra figura muito ligada quer à casa dos Ericeira em Lisboa, quer aos círculos portugueses de Paris, incluindo o próprio Bluteau. No início desta obra, le Quien indica ter-se inspirado numa reflexão que escutara entre «Gens d'erudition & de bon goust» para ser o primeiro autor francês responsável por «separer l'Histoire Générale de Portugal de celle d'Espagne, pour en composer une Historie particulière»²⁶.

Bluteau foi identificado por outros autores em diversas ocasiões. A prova mais evidente da sua identidade foram as informações reunidas pela Inquisição no seu processo de nomeação como Qualificador. Nesse processo a sua árvore genealógica foi comprovada desde a perspectiva da pureza de sangue e, além disso, ficou esclarecido que Bluteau tinha nascido em Inglaterra²⁷. Vimos que Bluteau recorreu, em várias ocasiões, à sua identidade inglesa de uma forma estratégica, mas não nos devemos esquecer que foi também essa a identidade que ficou registada no seu passaporte de 1681.

Outras identificações menos formais de Bluteau são as que aparecem nas cerimónias por ocasião da sua morte, celebradas na academia dos Aplicados e na Academia Real de História após o falecimento de Bluteau (a 13 de Fevereiro de 1734) e publicadas na *Gazeta de Lisboa*. Na Academia da História, Francisco Xavier de Meneses, 4.º conde da Ericeira, fez um elogio de Bluteau no qual recordava que, com a mudança do apelido paterno Chevalier, Bluteau tinha sacrificado «o indicio da sua nobreza»²⁸. Este comentário a respeito da identificação familiar e nobre através do apelido é, no entanto, impossível de comprovar. Meneses repetiu a identificação linguística e de naturalização que já tinha utilizado em 1725 na aprovação do primeiro

²⁵ R. BLUTEAU, *Vocabulario Portuguez e Latino*, cit., vol. 1, sign. § 3 r e R. BLUTEAU, «Prosopeia del idioma Portuguez, a su hermana la lengua Castellana», cit., p. 9.

²⁶ Jacques LE QUIEN DE LA NEUFVILLE, *Histoire générale de Portugal*, 2 vols., Paris, Anisson, 1700, «Avertissement», sign. ** ii r.

²⁷ Detalhado em I. M. D. BRAGA, op. cit., pp. 11-12, mas descoberto por C. M. ALMEIDA, op. cit., p. 3.

²⁸ F. X. MENESES, op. cit., p. 3.

tomo do suplemento do *Vocabulario* de Bluteau. Assim, argumentou que existiam «sete regioes, e idiomas, que podião adoptar ao nosso Academico», mas que a identidade do religioso podia fixar-se em Portugal. Contrariando a autoridade de Aulo Gélío, que tinha afirmado que «[...] os que fallavão muitas linguas, tinhão muitos corações», Meneses argumentou que Bluteau tinha querido demonstrar que o seu coração era português «preferindo esta lingua, e este Reyno» antes de qualquer outro dos outros seis «que desejavão naturalizallo»²⁹. Nas palavras de Meneses entrevistado, novamente, uma certa flexibilidade identitária, bem como uma referência aos processos de naturalização e à importância do coração ou das convicções internas.

As informações oriundas destas duas homenagens fúnebres – que tiveram lugar em 1734 – foram recompiladas e reescritas por Thomaz Caetano de Bem no final do século XVIII. No meio da sala da Academia dos Aplicados «se via o retrato do Reverendo Padre», acompanhado de «muito grave, e decente ornato». A esta cerimónia de carácter público assistiram «muitas pessoas da maior graduação de ambas hierarchias»³⁰ e dela resultou a publicação de vários textos sobre Bluteau, muitos deles sobrepostos. Em conjunto com as suas habituais composições poéticas, teve lugar um certame académico de cariz identitário, no qual se discutiu se tinha maior honra Inglaterra, por ter sido o lugar de nascimento de Bluteau, ou Portugal, que o tinha recebido na sua morte³¹. Da mesma forma, a capa do seu *Oraculum utriusque Testamenti*, a última obra de Bluteau a ser publicada, designava-o como um «Anglo-Galli» que tinha predicado em Portugal durante «cinquenta e alguns anos».

O próprio Caetano de Bem, por seu turno, deu início à biografia de Bluteau indicando, precisamente, que tinha nascido na Grã-Bretanha, num sábado, a 4 de Dezembro de 1638, e que «foi por sangue Francez, e Inglez pelo nascimento». Noutras passagens Caetano de Bem retrata o «amor que devia, ou que professava à nação Portuguesa» e que o incitava «ou quasi obrigava a largar a patria». Em conclusão, para Thomaz Caetano de Bem, Bluteau era «Inglez por nascimento, e pelo appellido; Francez pela origem, e pela educação; Italiano pelos estudos, e empregos politicos; e Portugez por assistencia, e por affecto»³².

No que diz respeito à língua e à pronúncia (um elemento fundamental numa figura cuja faceta mais importante era a de orador), uma carta escrita por António Luís de Azevedo, indica, a propósito dos primeiros sermões

²⁹ F. X. MENESES, op. cit., pp. 5 e 6.

³⁰ T. C. BEM, op. cit., p. 317.

³¹ Joseph Freire Monterroyo MASCARENHAS, «Oração» in *Obsequio Funebre, dedicado a saudosa memoria do Reverendissimo Padre D. Raphael Bluteau, Clerigo regular pela Academia dos Applicados...*, Lisboa, Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1734, pp. 1-18; Diogo Rangel de MACEDO, «Oração Funebre e Panegyrica...» in *Obsequio Funebre*, cit., pp. 154-64.

³² T. C. BEM, op. cit., pp. 283, 293 e 315.

predicados por Bluteau na sua chegada a Lisboa, em 1668, que o público que o tinha aplaudido na Capela Real, tinha elogiado a língua «por unica, e polidissima, e não menos a pronunçiação»³³. Outros contemporâneos foram da mesma opinião. Na aprovação das *Primicias evangélicas* (com data de 7 de Setembro de 1675), frei António dos Archanjos indicava que Bluteau «sendo Frances por Natureza, mostrase Portugez na lingoa»³⁴. Francisco Xavier de Meneses elogiaria retrospectivamente o Bluteau que predicava e que imprimia sermões na Lisboa dos anos de 1669 e 1670. Já então, segundo Ericceira, Bluteau «fallava, e escrevia perfeitamente nas duas» línguas (ou seja, em português e em francês)³⁵.

Estes testemunhos fortalecem a ideia de que a identificação é um processo plural, evolutivo e em constante mudança. Alguns elementos, como o nascimento ou a língua, parecem fixos, mas foram utilizados de uma maneira bastante flexível e de acordo com os vários critérios de avaliação dos múltiplos contextos sociais nos quais Bluteau desenvolveu o seu trabalho. O repertório de elementos identificadores repetia-se e estava mais ou menos estabelecido, mas tais elementos podiam ser combinados de maneiras muito diferentes.

2. Entre Paris e Lisboa. Modos de mediação cultural

Num estudo sobre o Brasil colonial, Alida Metcalf sugeriu três categorias de *go-betweens*. A primeira delas era composta por intermediários que criavam vínculos físicos e biológicos entre diferentes mundos, através do transporte de plantas, de animais ou de doenças, ou como progenitores de crianças híbridas. Da segunda categoria faziam parte as pessoas que facilitavam a interacção social, como os tradutores, os negociadores ou os mediadores culturais. Quanto à terceira categoria, era composta por aqueles que representavam os diferentes mundos através da escrita e dos mapas, os que se apresentavam à «outra» cultura através de textos, de palavras ou de imagens³⁶. Esta maneira de entender os intermediários, aplicada a situações exclusivamente ou, pelo menos, maioritariamente coloniais, merece ser ampliada, pois Rafael Bluteau pode muito bem ser considerado um *go-between* intraeuropeu.

Bluteau encaixa bem nas duas últimas categorias. A sua actividade diplomática em 1680-1681 revela-nos as suas capacidades como agente

³³ T. C. BEM, op. cit., p. 287.

³⁴ Rafael BLUTEAU, *Primicias evangélicas do padre D. Rafael Bluteau, Clerigo Regular Theatino da divina Providencia, Calificador do S. Officio. Offerecidas ao Gram Duque de Toscana*, Lisboa, Joam da Costa, 1676, sign. *** r.

³⁵ F. X. MENESES, op. cit., p. 9.

³⁶ Alida C. METCALF, *Go-betweens and the colonization of Brazil: 1500-1600*, Austin, University of Texas Press, 2006, p. 12.

de negociação. As suas publicações não deixam margem para dúvida, em especial o seu trabalho lexicográfico. O seu dicionário integra um grande número de traduções que provêm de um grande número de dicionários que já estavam em circulação, uns mais modernos, como o de Furetière, e outros mais antigos, como o de Alfonso de Covarrubias. Ampliando esses artigos e adaptando-os às necessidades portuguesas, Bluteau tornou-se um mediador activo entre a cultura de chegada e a de origem.

Entre os muitos elementos híbridos do *Vocabulario Portuguez e Latino* destaca-se, por exemplo, o uso da obra de Bernardo de Brito, *Monarchia Lusitana*, que oferece o tom português necessário para abordar verbetes como a própria definição de «Portugal». Nesse processo de adaptação verifica-se a integração não só de autoridades e de concepções «modernas», mas também do atomismo e de outras, questão já analisada, de forma breve, por Silva Dias³⁷. O panorama é um pouco mais complexo, pois, nessa mesma obra, no prólogo ao «Leitor pseudocrítico» do primeiro volume, Bluteau critica também Gassendi e defende Aristóteles e a sua metafísica³⁸. Na dedicatória ao suplemento do *Vocabulario*, de 1727, critica Montaigne como exemplo de «hipercrítico», ou seja, daquele que critica em vão³⁹. Como demonstrou Ana Isabel Araújo Rafael ao analisar o verbete dedicado à circulação sanguínea, Bluteau também empregou grandes doses de dissimulação, encobrimento dos nomes mais polémicos e outras estratégias que, sem dúvida, seriam bem conhecidas por um qualificador do Santo Ofício⁴⁰.

O seu conhecimento dos meios portugueses em Paris também o torna um mediador cultural ou um facilitador: alguém que explica uma cultura nos termos de outra, comparando-as. A esse respeito, Bluteau deixou-nos algumas indicações sobre o modo como entendia o seu papel como orador e a maneira como se podiam combinar e relacionar os usos de diversos ambientes nacionais. Depois de deixar Lisboa em 1697, Bluteau continuou a manter contacto próximo com Portugal e com a embaixada portuguesa em Paris. Nesse sentido, utilizou um dos meios que mais bem dominava: a imprensa e a dedicatória. A partir do convento de Sainte Anne la Royale, em Paris, Bluteau reuniu alguns dos seus sermões (na maioria já publicados nas recompilações de 1676 e 1685) para preparar uma obra que apresentou habilmente como o terceiro volume das suas *Primicias evangélicas*. Entre os poucos textos escritos especificamente para esta obra, destaca-se o *Anteloquio* «Ao excellentissimo senhor marquez de Cascaes, conde de Monsanto».

³⁷ J. S. S. DIAS, op. cit., p. 159.

³⁸ R. BLUTEAU, *Vocabulario Portuguez e Latino*, cit., vol. 1, sign. §§§§ v.

³⁹ R. BLUTEAU, *Suplemento ao Vocabulario*, cit., vol. 1, sign. c ii r.

⁴⁰ Ana Isabel Araújo RAFAEL, «Os autores e as obras esquecidas: Rafael Bluteau e o seu Vocabulario» in *Por prisão o infinito: censuras e liberdade na literatura. I Encontro do Grupo de Estudos Lusófonos (GEL), 26 e 27 de Setembro de 2011, Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Porto, 2011, pp. 8-9. [Consultado em 05/01/2015] [Disponível em <http://web.letras.up.pt/porprisao/Ana%20Ara%C3%BAjo%20Rafael.pdf>]

Trata-se de Luís Álvares de Castro e Sousa, 2.º marquês de Cascais e 7.º conde de Monsanto, embaixador extraordinário de D. Pedro II em Paris entre os anos de 1695 e 1699.

A oratória sagrada era um veículo de comunicação política e cultural essencial durante a época moderna⁴¹. Bluteau tinha plena consciência dessa função e realizou uma combinação perfeita entre a *performance* oratória e as estratégias de difusão impressa dos seus sermões. Bluteau (bem como os seus biógrafos e apologistas) expressou, em numerosas ocasiões, a importância de pregar na capela real e para públicos compostos pela elite nobiliárquica e urbana de Lisboa, e teve também plena consciência das possibilidades proporcionadas pela ligação entre pregação e publicação impressa. Na dedicatória do segundo volume dos seus sermões afirmou que o escritor, «sem subir ao pulpito, préga». As suas palavras são mais duradoras, pois em vez de soar «na breve esfera de hum auditorio», comunica-as ao mundo inteiro⁴².

Bluteau empenhava-se em imprimir e reimprimir os seus sermões tendo em vista aproveitar as oportunidades de agradecer o mecenato que tinha recebido. Para complementar a sua estratégia, enviou também, de forma regular, os seus livros a diversas personalidades dentro e fora da corte portuguesa. Caetano de Bem transcreve uma carta de José de Sousa Pereira («assistente desta corte em Roma»), datada de 22 de Janeiro de 1672, na qual Sousa Pereira menciona «o racional edificio deste livro de vossa paternidade»⁴³. A data indicada por Caetano de Bem é confusa, e talvez esteja errada, porque em 1671 Bluteau não tinha ainda nenhum livro de sermões impresso⁴⁴. Sabemos, no entanto, que a estratégia teve êxito, porque Sousa Pereira entregou a obra ao embaixador que «no livro acha tudo o que pôde servir de materia á vangloria, e não á censura»⁴⁵.

Bluteau dedicou o primeiro volume das suas *Primicias evangélicas* (1676) a Cosme III, que tinha visitado a corte lisboeta alguns anos antes. Além disso, enviou-lhe uma «cópia de apresentação» através de um tal «il Bartolino», e Cosme III agradeceu-lhe pela oferta numa carta enviada de Florença a 23 de Junho de 1676⁴⁶. No momento da publicação do terceiro

⁴¹ Ver Margarida Vieira MENDES, *A Oratória Barroca de Vieira*, Lisboa, Caminho, 1989, pp. 74-83 e 184-191. Ver também o número monográfico editado por Francis CERDÁN, «La oratoria sagrada en el Siglo de Oro», *Criticón*, vol. 84-85 (2002).

⁴² Rafael BLUTEAU, *Primicias evangélicas ou Sermoens, e Panegyricos. Segunda parte*, Lisboa, Miguel Deslandes, 1685, «Dedicatória», secção LI.

⁴³ T. C. BEM, op. cit., p. 288

⁴⁴ Pelo menos não se encontram exemplares desta primeira publicação, que se pode identificar com os *Breviloquios* recompilados posteriormente, em 1729, segundo F. X. MENESES, op. cit., p. 9: «Logo imprimio os seus primeiros Sermoens, que com o titulo de Breviloquios nos deu à luz, traduzidos em Portuguez, na segunda parte da sua Collecção».

⁴⁵ T. C. BEM, op. cit., p. 288.

⁴⁶ T. C. BEM, op. cit., p. 289.

volume das suas *Primicias evangélicas*, em 1698, Bluteau adoptou a mesma estratégia. Temos também notícia do envio, para Lisboa, de uma «cópia de apresentação» desta obra, a qual foi oferecida ao capitão da guarda real Francisco de Sousa. Na carta em que agradece a oferta, Sousa explica que o livro tinha sido entregue directamente em sua casa por um filho e por um cunhado do próprio «Joaõ Anisson, director da impressão Real do Luvre»⁴⁷.

No *Anteloquio* do terceiro volume das *Primicias evangélicas*, Bluteau insiste repetidamente em três questões estreitamente relacionadas entre si. Em primeiro lugar, faz uma série de avisos sobre a diversidade de usos e de costumes entre Paris e Lisboa. Em segundo lugar, elogia o marquês de Cascais pela sua capacidade de adaptação ao meio parisiense, característica que o tornava o embaixador perfeito. Em terceiro, explica de que maneira ele próprio recorria à acomodação cultural para ajustar o seu comportamento e navegar entre ambientes diferentes. É evidente que o sermão era a arma mais importante de Bluteau, pois constituía o centro da sua actividade, do seu sustento, além de ser a base da sua estratégia. A sua identidade como orador pode-se considerar, sem dúvida, como fundamental para entender o conceito que Bluteau tinha de si mesmo e do meio social no qual estava inserido. Como veremos, neste contexto, as identidades nacionais não eram consideradas algo fixo, mas sim um instrumento que jogava a favor de quem conhecia as suas peculiaridades.

A primeira coisa que Bluteau fez, portanto, foi descrever o marquês de Cascais como o embaixador perfeito, capaz de unir, na sua pessoa, os «diferentes genios, e oppostos naturaes» das nações portuguesa e francesa. Esta mistura baseava-se na combinação de um certo número de atributos portugueses – o «sizo» ou juízo, o «assentamento», a compostura, o gesto «modestamente severo» – com características francesas, como o traje, a afabilidade, a linguagem e o garbo. E era tão eficaz que o marquês passava despercebido e, segundo Bluteau, podia integrar-se perfeitamente na vida de Paris⁴⁸.

Esta reflexão baseia-se numa teoria bastante divulgada, naquela época, sobre a embaixada e sobre a infiltração do embaixador na cultura de destino, infiltração essa na qual o traje e a aparência exterior desempenhavam um papel de destaque. Bluteau redigiu estas advertências sob a forma de uma norma universal que apontava na direcção de uma certa equivalência cultural, um caminho marcado por Montaigne em *Des Cannibales*. Desta forma, Bluteau considerava que «hum dos mayores acertos do homem fôra da sua patria, hé fazerse ao modo, e costume da Nação, com que vive, porque cada Nação em particular naturalmente presume, que os seos costumes são a verdadeira norma de viver»⁴⁹. Anos mais tarde Bluteau continuaria a defender

⁴⁷ Carta de Francisco de Sousa de 15 de Dezembro de 1699. Reproduzida em R. BLUTEAU, *Vocabulario Portuguez e Latino*, cit., vol. 1, 1712, sign. §§§ r-v.

⁴⁸ R. BLUTEAU, *Primicias evangelicas... Parte terceira*, cit., p. 9.

⁴⁹ *Ibid.*, p. 9.

esta postura, já que, no seu *Vocabulario*, sustentou que «para cada naçam as suas palavras nacionaes são as melhores»⁵⁰.

Em segundo lugar, e como mencionei antes, Bluteau descreveu-se a si mesmo como um perfeito conhecedor dos «estilos, e costumes [de Paris], diametralmente opostos aos de Lisboa». «Neste mundo abbreviado», diz Bluteau referindo-se às situações de distância cultural associadas aos processos de colonização, «sem opposição de Hemispherio os Francezes são antipodas dos Portuguezes no trato, no galanteo, no ceremonial da Corte, e no manejo dos negocios»⁵¹. Esta ideia de dois povos situados dentro da Europa numa situação de «antípodas» culturais repete-se com insistência, e é óbvio que Bluteau está a claramente a expressar a sua opinião pessoal. O modo como o texto foi redigido não deixa margem para dúvidas: «A mim me parece», diz o religioso, «que no systema da vida moral, e politica, é Paris tão contrario a Lisboa, como o dia à noite, porque em Paris o que se faz às claras, em Lisboa se costuma fazer às escuras»⁵².

O mesmo ambiente de Paris durante os anos da embaixada foi-nos transmitido noutras memórias e nas cartas de José da Cunha Brochado, então secretário do embaixador. O marquês de Cascais permaneceu em Paris entre 1695 e 1699 (apesar de ter sido nomeado em Agosto de 1694). Brochado viveu na capital francesa até 1704, sendo obrigado a regressar por causa da Guerra da Sucessão de Espanha. As suas cartas, ao contrário da sua correspondência diplomática e do seu trabalho como historiador, reflectem, com ironia e familiaridade, o ambiente quotidiano da vida em Paris, incluindo, por exemplo, numerosas referências ao vício do jogo do marquês, tema que, no texto de Bluteau, aparece apenas de forma velada⁵³.

Nas suas cartas, Brochado refere, por exemplo, o hábito do passeio galante em jardins e em parques, prática que qualifica de «ofício» devido à assiduidade com que os parisienses se dedicavam a passar o tempo nesta «travesura honesta e com liberdade cortesã». Fazendo um contraponto, sério ou fingido, com a sociabilidade portuguesa, Brochado indica que, em Portugal, não «se correm as igrejas com maior devoção». Brochado criticava também os seus companheiros da embaixada por sentirem a falta de Portugal, afirmando que não eram capazes de «gostar de Paris» e dizendo, também, que andavam a suspirar o tempo inteiro pelas «suas sopas de vaca e pelas belas pescadas de Cascais»⁵⁴.

⁵⁰ R. BLUTEAU, *Vocabulario Portuguez e Latino*, cit., vol. 1, sign §§ r.

⁵¹ R. BLUTEAU, *Primicias evangelicas... Parte terceira*, cit., p. 13.

⁵² *Ibid.*, p. 13.

⁵³ Ver Maria Rosalina Pinto da Ponte DELGADO, *José da Cunha Brochado (1651-1733). Um embaixador de Portugal nas Cortes de Paris, Londres e Madrid*, Tese de Doutoramento, Universidade Lusíada, Lisboa, 1999, vol. 1.

⁵⁴ Cit. em A. de Magalhães BASTO, «Um diplomata português na corte de Luís XIV», *Revista de Estudos Históricos*, n.º 1-3, III ano (1926), p. 93.

Nas suas memórias da embaixada de Paris, Brochado insistia constantemente na mistura com a cultura de chegada, mas assinalava, também, que o embaixador não devia nunca parecer «escravo d'esta imitação»⁵⁵. Nas memórias também é visível a atitude crítica de certos franceses em relação aos portugueses. Brochado reproduz, por exemplo, o testemunho de M. Le Grand, secretário de Jean d'Estrées, embaixador de França em Portugal. Le Grand teria afirmado que, em Portugal, «não ha sciencia, nem ha politica, nem ha economia, nem ha educação, nem ha nobreza, e não ha Côrte». Curiosamente, Brochado também indicou que «isto mesmo veio dizendo D. Rafael Bluteau, e o mesmo achei em muitas relações»⁵⁶. Assim, este apontamento retrata Bluteau como capaz de conviver tanto com a cultura francesa, quanto com a portuguesa, independentemente das suas preferências e dos pensamentos que não expressava por escrito.

Se voltarmos agora ao terceiro grande tema do *Anteloquio*, veremos que Bluteau tem consciência da sua capacidade para lidar com os distintos tipos de predicação existentes em França, Itália, Portugal e Castela (por vezes denominados como «Hespanhas»). Com esta noção, Bluteau expõe, num tom autobiográfico, o seu método como orador, apresentando uma verdadeira teoria da «hibridação» e da acomodação a diferentes meios culturais. «Permitame vossa Excelencia», afirma Bluteau, «que lhe diga o que praticy em diferentes reinos, aonde a variedade do meu destino me levou a pregar a palavra de Deos»⁵⁷.

Nesta sua auto-representação Bluteau destaca alguns momentos-chave, concedendo uma atenção especial às suas predicções em Veneza, em Paris – perante Luís XIV – em 1662, perante Henriqueta Maria de França em 1668, e, finalmente, na corte de Lisboa. A argumentação contém também uma reflexão estilística e formal sobre os sermões. Como é habitual em toda a prosa de Rafael Bluteau, a ideia começa por se expressar através de uma metáfora científica, neste caso relacionada com as componentes da «fabrica do Universo». Bluteau, com pinceladas de uma linguagem química, indica que o universo não era composto apenas por «elementos» puros, mas também pelos «mixtos, e corpos organicos». Esta caracterização de base serve-lhe para desenvolver uma teoria própria sobre os sermões que se podiam compor e organizar (*inventio* e *dispositio*) «com partes dissimilares, ou hetherogeneas»⁵⁸. Na sua própria prática, Bluteau confessa:

⁵⁵ José da Cunha BROCHADO, *Memórias de José da Cunha Brochado extrahidas das suas obras ineditas por Mendes dos Remedios*, Coimbra, França Amado, 1909, p. 44.

⁵⁶ J. C. BROCHADO, op. cit., pp. 11 e 13 respectivamente. Brochado e Bluteau deviam ser próximos, pois Brochado escreveu-lhe a 11 de Dezembro de 1701 perguntando pela instalação de Bluteau em Portugal e elogiando o *Vocabulario*. José da Cunha Brochado, *Cartas*, Lisboa, Sá da Costa, 1944 [Seleccção, prefácio e notas de António Álvaro Dória], pp. 137-139.

⁵⁷ R. BLUTEAU, *Primicias evangelicas... Parte terceira*, cit., p. 35.

⁵⁸ *Ibid.*, p. 36.

naõ tive escrupulo de enxerir em alguns sermoens Portuguezes entre os conceitos alguma descripçaõ, ou amplificaçaõ ao modo de Italia, e em todos sempre usei de divisaõ ao modo de França, o que depois se foi introduzindo de sorte, que hoje raro hé o prègador Portuguez, que acabado o exordio naõ divida em duas, ou tres partes a materia do seu discurso⁵⁹.

Esta argumentação proporciona uma perspectiva inovadora, que dissolve em parte o problema, a dicotomia entre a modernidade e a moderação, tema que tanto tem ocupado os estudiosos de Rafael Bluteau. O religioso apresenta-se como um participante activo na inter-relação entre culturas, mostrando-se consciente de que a novidade deve ser acomodada à cultura de destino. Apresentando-se como um orador bem-sucedido em vários idiomas e perante os mais importantes governantes e públicos cortesãos, Bluteau explica que o seu êxito consistiu em adaptar «o genio, e o estilo» aos italianos, franceses e portugueses. O seu maior empenho e esforço tinha consistido, especificamente, em «parecer em Italia Romano, em França Parisiense, e Ullysiponense em Portugal»⁶⁰. Independentemente de consideramos a postura de Bluteau como cínica – no sentido do comentário de Cunha Brochado – ou não, a sua trajectória mostra, de um modo evidente, que os referentes identitários podiam ser objecto de mistura e de modificação. Bluteau tinha consciência de que podia dominar e, ao mesmo tempo, utilizar, vários estilos nacionais.

⁵⁹ R. BLUTEAU, *Primicias evangelicas... Parte terceira*, cit., p. 36.

⁶⁰ *Ibid.*, p. 36.